Fontes visuais na História: significar uma peça

DIANA GONÇALVES VIDAL
Doutoranda em História da Educação na Faculdade de Educação/USP)

Lidar com fontes é tarefa cotidiana do historiador. Habituado aos documentos escritos, a sua crítica interna e externa, recentemente o profissional de História tem-se deparado com outro tipo de documento: as fontes visuais. A elas havia sido reservado um papel complementar, subsidiário às análises efetuadas a partir da escrita. Quase sempre eram evocadas a título de ilustração, raramente consideradas como fontes prioritárias do trabalho historiográfico. Hoje, esta situação tende a modificar-se. A documentação visual e, também, oral[1] vem assumindo uma posição diferenciada na correlação das fontes.

Não pretendo, neste artigo, iniciar uma discussão nova sobre a importância das fontes visuais na História, mas contribuir no debate sobre este tema, enfocando, em especial, o lugar da peça na reconstrução histórica.

A arte pode nos ajudar a perceber realidades onde a documentação escrita é silenciosa, a estabelecer compreensão diversa e mais sensual do passado e a encontrar novas maneiras de se interrogar o ontem, abrindo diferentes campos temáticos.[2] Além de serem objetos de valor estético, as fontes visuais oferecem ao historiador monumentos do ontem/hoje, permitindo-lhe rever este passado/presente sob novo prisma; afigurando-se, assim, como signos a serem decifrados.

1 Ver VIDAL, D.G. "De Heródoto ao gravador: histórias da história oral". In: **Resgate**, n. 1, Campinas, Papirus, 1990, p. 77-82.
2 SAMUEL, R. "Art, politics and ideology: editorial introduction". In: **History Workshop**, nº 6, out/1978, p. 101-106.

Como documentos, devem ser pensadas não como objetos neutros, retratos de épocas findas ou vividas, mas como monumentos.[3] Objetos criados com uma certa intencionalidade, para funcionar como índices de épocas, para representar a percepção de mundo dos autores. Banida a interpretação das fontes visuais como mera recolha de imagens, como representação de uma realidade conferida ao ontem, elas se abrem a novas leituras. Ultrapassando a horizontalidade das informações que apresentam, oferecem-se a um estudo das sociedades, permitindo-nos indagar-lhes as formas como estas sociedades concebiam seu cotidiano, ou o imaginário coletivo informado e contraposto ao imaginário individual (do autor).

Documentos, sejam eles quais forem, escritos, visuais ou orais, são produção de realidades. Construção de fatos. Eventos. A lógica do presente (contemporâneo a feitura) impõe-se-lhes pela própria impossibilidade do homem escapar a rede simbólica que preside o momento que vive. Não apenas ilustram uma época, mas estão prenhes de outras informações, acessíveis ou não, àqueles que os interrogam. Isolados do contexto de sua produção, inseridos em outras séries,[4] colocados em coleções, estes objetos perdem parte desse conteúdo não manifesto. Seu tratamento como peça, impede-nos de abarcar as imensas possibilidades dos dados que contêm. São signos. E como signos devem ser tratados, interrogados nos seus significante e significado. Não simplesmente o significado, por exemplo, de uma obra em relação a outras do mesmo autor, procurando-se refazer a trajetória individual de vida; mas da interrelação desta peça a outros monumentos de cultura de um mesmo período, denotando uma percepção coletiva, um imaginário compartilhado pelas pessoas que viveram/sofreram aquele momento. Esse imaginário social emergente no confronto das fontes, necessariamente, é mediatizado pelo autor da peça, que, assim, expõe uma visão do seu tempo. É o problema de todas as fontes. Jamais surgem puras, perfeitas, objetos imaculados de uma realidade, imagens precisas e neutras. O passado não renasce. Apresenta-se tão somente como pistas, pegadas a serem seguidas pelos historiadores. O conhecimento do passado responde a questões do presente e como tal deve ser compreendido.

Essa colocação é importante porque redimensiona o papel das fontes visuais na História. Não mais pensá-las como imagens do ontem impõe-se-nos. São documentos e, assim, devem ser tratadas.

A relação do homem com o mundo é uma relação simbólica, mediatizada pela linguagem, pelo discurso sobre a coisa. A coisa é efêmera, passageira. O

3 LE GOFF, J. "Documento-monumento". In: **Memória - História.** Enciclopédia Einandi, vol. I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 121-138.
4 VEYNE, P. - "A História conceitual". In: LE GOFF, J. e NORA, P. (org.) -**História: novos problemas.** RJ, Liv. Francisco Alves, 1979, p. 64-88

discurso é preservável. Portanto, lidamos sempre com discursos sobre os fatos, sejam de natureza escrita ou visual. Os fatos escapam-nos. O passado não nos espera monádico, intacto. Foi destruído.[5] O que nos resta são fragmentos, pedaços do ontem que recolhemos e significamos. A trama mesmo foge-nos. Temos somente a fábula. Um romance real, no dizer de Paul Veyne. Real porque aconteceu, porque há marcos/marcas que nos indicam o acontecimento. Romance, porque uma vez retirados das séries originais (irrecuperáveis) e colocados em novas séries propostas/encontradas pelo pesquisador estes fragmentos adquirem novos significados, anunciam outros saberes.

O profissional de História, talvez mais acostumado a labirintos (ou mais "autorizado"), percorre estes documentos, atribuindo-lhes sentido. Procura no passado sua identidade, a alteridade com o presente. Tenta notar rupturas, precisar as diversas maneiras como o homem viu/viveu seu momento. Se consegue fazê-lo é novamente através do discurso sobre o evento. Discurso sobre o discurso. E, qualquer que seja este discurso, ele é sempre uma série. (De novo o documento está inserido em uma cadeia, única forma de adquirir significado.)

Se a arte nos possibilita uma percepção mais sensual do passado, como afirmo no parágrafo inicial, é, sobretudo, pelo seu caráter imagético. Facilita-nos compor uma imagem do ontem. Fontes escritas, principalmente as literárias, também auxiliam nesta tarefa em maior ou menor grau. Forjar imagens é o trabalho essencial da História. Somente quando o historiador forma um quadro do tópico a que se dedica, precisa detalhes, efetua retoques e afasta-se para contemplá-lo é que consegue narrar sua história. Assim como cada sociedade elabora uma imagem do universo onde vive, tentando fazer um conjunto significante, encontrar uma certa *ordem*,[6] o historiador também estabelece imagens. A linguagem engendra o invisível. No visível, buscamos suporte para a composição do discurso. Na impossibilidade de recriar visível, construímos invisível, convictos de que o que se vê é uma parte do que existe,[7] existiu ou do que acreditamos existir ou ter existido.

Como objeto singular, as fontes visuais não interessam à História. A peça tem valor estético. Pode ser apreciada, ser tocada ou sensibilizar aquele que a observa ou que com ela estabelece uma relação sedutora. Isolada, perde o significado. Seu sentido é sempre atribuído, surge na constituição de séries. Desta maneira, torna-se "objeto de civilização". Informa sobre o passado e o

5 BEJAMIN, W. "Sobre o conceito de História". In: **Magia e técnica, arte e política,** SP. Brasiliense, 1986, p. 222-232.
6 CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** RJ: Paz e Terra, 1982, p. 122-257.
7 POMIAN, K. "Coleção". In: Memória - História. Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 101-106.

presente do homem. Adquire lugar na História. História e inventário assim distinguem-se. Somente a peça para o historiador, na cadeia de informações que produziu, presta-se a interpretações, a narração de histórias, ao envolvimento lúdico de recriação do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter - "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução". In: Col. Os Pensadores. SP: Abril Cultural, 1983, p. 5-28.

CARDOSO, Ciro Flamarion - "Iconografia e História". In: **Resgate**, n. 1, SP., Papirus, 1990, p. 9-17.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da sociedade.** RJ: Paz e Terra, 1982, p. 122-257.

HOBSBAWN, Eric. "Man and woman in socialist iconography". In: **History Workshop**, n. 6, aut/1978, p. 121-138.

LE GOFF, Jacques. "Documento/monumento". In: **Memória-História.** Enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

LOBO, Lucia Lahymeyer - "Avaliação e seleção de fotografia". In: **Arquivos e Administração**, RJ, 10-14 (1): 34-40, abr. 1982/ago. 1986.

_____. et alli - "A fotografia como fonte histórica: a experiência do CPDOC". In: **Acervo** (Revista do Arquivo Nacional), RJ, v. 2, n. 1: 39-52, jan.-jun. 1987.

POMIAN, Krzysztof - "Coleção". In: **Memória-História.** Enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

SAMUEL, R. "Art, politics and ideology: editorial introduction". In: **History Workshop**, n. 6, aut/1978, p.101-106.

SANTOS, Yolanda L. dos et alli - "Os textos iconográficos como fonte para uma leitura artística-etnográfica simbólica". Separata da **Revista de História**, SP, n. 102, 1975, p. 811-846.

SUSSEKIND, F. **Cinematógrafo de letras**. SP: Cia das Letras, 1987, 170 p.